

Parto pode acabar na Justiça

Criança nasce em casa depois que a mãe foi liberada por médica do Hospital da Ceilândia. Agora, bebê corre risco de vida

Fernanda Lambach
Da equipe do Correio

A mãe solteira Adriana Rodrigues de Freitas, 18 anos, viveu, ontem, um dia de horror, que começou às 8h, quando deu entrada no Hospital Regional da Ceilândia (HRC) para ganhar o primeiro filho. Adriana sentia fortes contrações, mas, depois de ser examinada por uma obstetra, foi mandada para casa. "Volte lá pelas 13 horas", teria dito a médica. Às 10h30, já em casa, as dores aumentaram, a bolsa estourou e Adriana deitou na cama da mãe, Luzia Alves Sobrinho. "Nem bem ela deitou, o pezinho do bebê já apareceu. A criança estava sentada e não na posição certa", diz Luzia.

Às pressas, o vizinho José Mauro Castro Alves foi acionado, colocou Adriana num carro e voltou para o HRC. Ela foi deitada no colo de uma prima, enquanto a vizinha Ildenice da Cruz segurava o corpo do bebê.

RISCO DE VIDA

Quando Adriana chegou ao

hospital, o parto já estava praticamente concluído. Apenas os ombros e a cabeça do bebê estavam dentro da mãe. Ficou sem oxigênio durante 25 minutos. Dentro do Centro Cirúrgico, Adriana não precisou ser operada e a criança, uma menina de 3,5 quilos, foi reanimada pelo pediatra Mário César de Araújo. "Ela nasceu sem nenhum sinal vital, voltou a respirar depois da medicação que recebeu na veia, mas continua em estado grave e corre risco de vida", relata a pediatra Maria Aparecida Braga.

Ela afirma, ainda, que, se sobreviver, a menina terá, certamente, seqüelas. Poderá apresentar retardamento mental ou paralisia cerebral total.

Na tarde de ontem, o advogado da família de Adriana, Ivan Nísio de Brito, registrou queixa na 15ª Delegacia e vai enviar requerimento ao Conselho Regional de Medicina pedindo que a atuação da obstetra que mandou Adriana de volta para casa seja avaliada. Caso seja comprovado erro médico, Brito pretende pedir ao Gover-

Carlos Moura



Luzia: "Nem bem Adriana deitou, o pezinho do bebê apareceu. A criança estava sentada e não na posição certa"

no do Distrito Federal, responsável pelo hospital, indenização por danos materiais e morais.

A direção do HRC não divulgou o nome da médica, que, segundo a família de Adriana, seria Marli. O vice-diretor do hospital, José Do-

mingues dos Santos Júnior, disse que a obstetra anotou na ficha de atendimento que, às 8h, Adriana tinha apenas dois centímetros de dilatação (para um parto normal são necessários dez centímetros). "Nesse caso o procedimento cor-

reto é mandar a mãe para casa e pedir que ela controle as contrações. Normalmente, num parto de primeiro filho, para a dilatação aumentar de dois para dez centímetros, demora de oito a dez horas", explica Júnior.